

CORINTA MARIA GRISOLIA GERALDI
CLAUDIA ROSA RIOLEI
MARIA DE FÁTIMA GARCIA (ORGS.)

ESCOLA



MERCADO
LETRAS

ELEMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE SOCIAL

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Escola Viva : elementos para a construção de uma educação de qualidade social / Corinta Maria Grisolia Geraldi, Claudia Rosa Riolfi, Maria de Fátima Garcia, (organizadoras). -- Campinas, SP : Mercado de Letras, 2004.

Bibliografia.
ISBN 85-7591-038-8

1. Educação – Brasil. 2. Educação – Finalidades e objetivos. 3. Educação – Qualidade. 4. Justiça social. 5. Prática de ensino. 6. Sociologia educacional. I. Geraldi, Corinta Maria Grisolia. II. Riolfi, Claudia Rosa. III. Garcia, Maria de Fátima.

04-7634

CDD-370.115

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação de qualidade social : Construção : Objetivos educacionais 370.115
2. Qualidade social na educação : Construção : Objetivos educacionais 370.115

capa: Vande Rotta Gomide

preparação dos originais: Marília Marcelo Braida

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:
© MERCADO DE LETRAS EDIÇÕES E LIVRARIA LTDA.

Rua Barbosa de Andrade, 111
Telefax: (19) 3241-7514

CEP 13073-212

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

E-mail: livros@mercado-de-letras.com.br

2004

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS 9

APRESENTAÇÃO 13

Corinta Maria Grisolia Geraldi

Claudia Rosa Riolfi

Maria de Fátima Garcia

UM PROJETO DE ESCOLA PARA UM PROJETO DE PAÍS 21

Cristovam Buarque

ESCOLA VIVA: POLÍTICA EDUCACIONAL
POR UMA ESCOLA CONTRA A BARBÁRIE 35

Corinta Maria Grisolia Geraldi

DIALÉTICA DA INCLUSÃO E DA EXCLUSÃO:
POR UMA QUALIDADE NEGOCIADA E
EMANCIPADORA NAS ESCOLAS 61

Luiz Carlos de Freitas

Mara Regina Lemes de Freitas

Helena Costa Lopes de Freitas

Maria Márcia Sigrist Malavazi

CURRÍCULO: NOVAS TRAJETÓRIAS PARA A ESCOLA PÚBLICA BÁSICA¹

Antonio Flávio Barbosa Moreira²

Participar de eventos como este constituem o tipo de convite que eu tendo a não recusar, porque valorizo o contato com colegas. Acho que as experiências que vocês trazem da escola, das salas de aula e dos alunos concretos é algo muito rico para mim, pesquisador. Estive também muito tempo em escolas, fiquei vinte e três anos na UFRJ e cerca de vinte anos na escola. Mas, por favor, não façam um cálculo equivocado, houve uma concomitância, não foi uma coisa depois da outra... Enfim, tive um longo período de escola, trabalhando fundamentalmente com Ensino Médio, porque cursei Química e, depois, Pedagogia.

1. O presente texto foi transcrito e estabelecido como versão escrita por Andreza Roberta Rocha, sob supervisão técnica de Claudia Rosa Riolfi, a partir da gravação feita em vídeo da palestra realizada em 20 de julho de 2003. A revisão final é do autor.
2. Professor da UFRJ.

Gostaria que minha exposição fosse tomada como um estímulo para estudos, para mais discussão, mais momentos de reflexão sobre currículo. Quero defender o ponto de vista de que os estudos e as reflexões que se têm feito a respeito do currículo podem nos ajudar no esforço para entender melhor o processo de construção curricular. Vou destacar a centralidade do currículo no momento atual nas discussões na escola e, depois, destacarei a importância dos estudos sobre currículo.

No meu modo de ver, escola e currículo giram em torno de conhecimento escolar. Claro que esse conhecimento escolar é ensinado e aprendido em meio a experiências que estabelecemos com nossos alunos, de uma forma organizada. Essa idéia sugere, entre outros aspectos importantes, a necessidade de se estar permanentemente planejando e replanejando a escola.

Não são experiências aleatórias, não é toda e qualquer experiência que pode ser adequada para aquilo que se está pretendendo. Além disso, a visão que defendo acentua o fato de que o aluno deve estar na sala de aula realizando atividades, trabalhando. O professor também está ali trabalhando. Ou seja, todos estão ali trabalhando em um processo de construção e reconstrução do conhecimento escolar. É importante acrescentar que tudo isso ocorre em meio às relações que os sujeitos estabelecem no trabalho.

Muitos dizem que a escola que conhecemos em breve será superada, transformada, mudada numa coisa que não se sabe bem o que será. Certamente que a escola pode e deve mudar. Acho mesmo que ela precisa se renovar, se transformar. Inclusive, temos uma série de tecnologias disponíveis, não tão bem aproveitadas na escola. Entretanto, penso que quando destacamos as relações que se estabelecem na escola, na sala de aula, nós estamos apontando alguma coisa que é própria do espaço escolar e que não vai ser substituída por nenhum computador.

Refiro-me às relações que nós estabelecemos com nossos alunos, relações essas que têm o poder de educar, de transmitir valores, de contribuir para a formação de identidades. Essas relações, que se dão na escola que conhecemos, são insubstituíveis e não ocorrem em outros espaços.

Mas passemos ao nosso tema – o currículo. Não há consenso em relação à visão de currículo. Diferentes autores entendem de maneira distinta o currículo. Mas há alguns pontos que nós poderíamos considerar como razoavelmente consensuais ou, pelo menos, decorrentes de um acordo bastante amplo.

O primeiro ponto é que currículo é, simultaneamente, um projeto político cultural e uma prática que procura materializá-lo nas salas de aula. Trata-se, portanto, de um conjunto de intenções expressas em um projeto político cultural e de um conjunto de vivências que constituem as práticas que desenvolvemos.

O segundo ponto que me parece importante destacar é que é pelo currículo que, fundamentalmente, as coisas acontecem na escola. Em outras palavras, currículo seria o instrumento que permite sistematizar o processo educativo escolar. Organizamos as atividades e as vivenciamos pelo currículo. Qualquer professor está permanentemente pensando a respeito de currículo, nós estamos envolvidos, necessariamente, queiramos ou não, no processo curricular.

O terceiro ponto é que todo e qualquer currículo escolar envolve obrigatoriamente um conjunto de escolhas, uma seleção cultural, que, obviamente, vai representar o que uma determinada sociedade, num determinado momento histórico, considera como sendo aquilo que se espera em termos de educação. O currículo reflete, então, a visão de cidadão e de cidadã que se pretende educar.

A seleção do que entra ou não para um currículo é uma seleção que varia, é uma seleção que vai responder a aspectos de um determinado momento. Em um outro momento, outras questões se colocam, outras respostas virão. Lembro-me de que, quando fiz o ginásio, estudei Latim por quatro anos. Naquela época, cada professor de Latim justificava, ao entrar na sala de aula, a importância de sua disciplina utilizando três argumentos principais:

- 1) "Olha, Latim é uma é uma das principais formas de desenvolver o raciocínio de vocês. Latim e Matemática, principalmente".
- 2) "Latim é pai ou mãe do Português. (Entim, não sei qual é o sexo do Latim, então, pode ser tanto mãe quanto pai). O Português vem do Latim, então você não vai falar bem sua língua materna se você não estudar bem o Latim." e
- 3) "A missa é em Latim".

A missa deixou de ser em Latim, continuamos a raciocinar sem estudar Latim e continuamos a falar Português sem estudar Latim na escola. Isso mostra o quanto alguma coisa, que, num dado momento, é justificada de uma maneira tão forte, dando a impressão de que nunca vai sair do currículo, no momento seguinte deixa de ser visto com a mesma importância.

Essas escolhas se modificam ao longo dos tempos. Para mantê-las operando, uma série de razões são evocadas e outras escondidas. Essas escolhas não são neutras, não são desinteressadas, elas, certamente, respondem a interesses nem sempre explicitados. Elas têm caráter político-ideológico.

Isso não significa que não haja uma série de concordâncias em relação às opções. Há estudos que mostram que, em diferentes países do

mundo, disciplinas como língua materna, matemática, história, geografia e ciências têm seu lugar garantido no currículo. Isso parece que é mais ou menos constante hoje, mas nada impede que daqui a quarenta, cinquenta anos, outras disciplinas não possam ter substituído essas que hoje estão sendo consideradas no mundo agora como importantes, dignas de entrar na escola.

Além disso há outro ponto a ser considerado. Embora haja aparentemente acordo com relação aos nomes das disciplinas, nada parece indicar que haja tanto acordo com relação aos conteúdos tratados em cada uma delas. Em outras palavras, decisões são tomadas de modos distintos em diferentes espaços, correspondendo a posicionamentos interessantes, de caráter político-ideológico.

Considerando este fato, entendemos que o currículo se transforma numa arena de conflitos, numa arena de disputas, num espaço em que, certamente, a paz não é a principal característica. Diferentes razões tumultuam essa paz que a gente gostaria que houvesse. Há sempre um grupo de docentes querendo defender o lugar que a sua disciplina deveria ter nas propostas oficiais. Esta defesa de território é mais visível ainda na Universidade. Quando se fala em mudança curricular no Ensino Superior, os departamentos tremem.

Então, currículo tem a ver com tudo isso, com luta por prestígio, luta por idéias que desejamos inculcar, significados, luta até mesmo por recursos. Agora, entro no último ponto que quero destacar quando estou tentando acentuar a importância do currículo no mundo contemporâneo, nas reflexões sobre escola e nas nossas práticas.

Curriculo constitui um espaço no qual, em meio àquelas relações que eu já comentei, nós estamos contribuindo para formar as identidades sociais de nossos alunos. Ora, se currículo tem esse poder, se ele tem essa força, se ele contribui para isso, é óbvio que nós temos que nos preocupar

com ele, até porque é claro que as autoridades se preocupam com o currículo, independentemente da preocupação dos professores.

Curriculo e avaliação têm sido palavras freqüentemente usadas no discurso oficial. Inúmeras reformas, parâmetros, diretrizes têm sido propostas em todo o país, e eu lhes digo mais, mundo afora. As autoridades certamente reconhecem a importância de currículo, sabendo que é em grande parte por meio dele que se forma determinado tipo de identidade. Os pais também certamente desejam que a escola contribua para formar em seu filho determinado tipo de identidade. Professores, diretores, toda a comunidade, hoje, admite a importância do currículo como instrumento sistematizador da aprendizagem escolar, capaz de contribuir para o processo de construção de identidades sociais. No currículo se trava uma luta feroz em torno da identidade, em torno de significados, em torno de escolhas.

Meu colega Tomaz Tadeu da Silva disse uma vez, em uma palestra, uma frase muito expressiva que nunca esqueci: "O currículo é uma questão de vida ou de morte". Repararem a ênfase que se coloca nessa expressão!

Exageros à parte, eu lhes diria que currículo é algo que concerne a todos nós, professores e cidadãos. E aí surge a pergunta: Como é que a gente não consegue dar conta desse assunto mesmo com tantos esforços envidados para esse fim? Toda e qualquer revista hoje traz um artigo sobre currículo, o número de textos que abordam questões curriculares cresceu, os espaços que em cada congresso se dedicam à questão do currículo têm permanentemente aumentado. Apesar disso, não surgem os resultados esperados no que tange ao desempenho do aluno na escola.

Neste momento, os professores sempre repetem a pergunta que tem a ver com a sala de aula concreta:

De que forma tudo isso que vocês falam, pensam e escrevem sobre currículo (às vezes de uma maneira um pouco esotérica demais, às vezes de uma maneira que torna a leitura difícil, densa, arrastada) tem a ver conosco concretamente? Será que vale a pena, nós que estamos na sala de aula concreta, lidando com o aluno concreto, gastarmos nosso tempo com o estudo de toda essa publicação intensa que cada vez mais se torna intensa?

Eu diria que sim. Vou defender minha posição listando alguns pontos que os estudos de currículo nos permitem compreender melhor. Alguns desses pontos vocês conhecem perfeitamente, mas acho que vale a pena repetir.

Avançamos bastante da época em que os estudos eram por demais voltados para questões de ordem técnica: como fazer, como elaborar, como implementar currículos. Somente de 1970 em diante é que os estudiosos e pesquisadores de currículo começaram a tratar de questões que vão um pouco mais fundo. É claro que planejar é importante, mas, é necessária uma série de outras reflexões para, inclusive, se poder planejar melhor.

O que temos aprendido nos últimos anos com os estudos de currículo e que pode nos ajudar a entender melhor nossa prática? O primeiro ponto que destaco é o fato de que currículo é uma construção social. Isso hoje é óbvio, inclusive afirmei há pouco que currículo é o resultado de um processo de escolhas situadas e interessadas; logo, é uma construção social.

Acho que essa idéia nos traz uma outra dimensão que me parece importante reiterar. Se o currículo é uma construção social, todos nós (secretárias, diretores, professores, orientadores, coordenadores) estamos envolvidos no processo curricular, estamos permanentemente construindo o currículo.

Até quando me limito a olhar o índice de um livro didático e repeti-lo nos meus cursos, estou fazendo uma escolha, estou participando do processo de uma maneira que, eu diria, não é tão boa quanto poderia ser. Certamente, nós temos uma contribuição muito melhor para dar.

A idéia do currículo como construção social nos leva a concluir que todos estamos envolvidos no processo curricular. Portanto, isso significa não aceitarmos pacotes prontos, não aceitarmos processos não democráticos de renovação curricular, não aceitarmos imposições. Isso indica que precisamos estar sendo permanentemente criativos, defendendo nossa participação, que precisa se dar de uma forma autônoma, de uma forma bastante refletida.

Currículo não tem como característica a inocência, a ingenuidade. Não é um instrumento que sirva para o bem, indistintamente. Não é isso, nem nunca foi. Se a escola atende a uma série de interesses, ela deixa de atender bem a outros. Quando ela atende bem a certos grupos, ela deixa de atender bem a outros. Portanto, ela também pode contribuir para causar desigualdades. Currículo é instrumento que também pode reproduzir desigualdades.

Penso que nós teríamos inúmeros exemplos a dar, mostrando como isso às vezes acontece. O primeiro é a forma como a escola muitas vezes trata aquele aluno pobre, sujo, feio, mal vestido, que chega à sala de aula, fixando-o no lugar do qual ele deveria supostamente sair com o apoio da escolarização. Acontece o nefasto pensamento: "Ele não merece tanto esforço de minha parte, porque não vai conseguir mesmo..."

O segundo é aquela visão que se tem de que certas atividades são necessariamente para meninos e outras necessariamente para meninas. Por meio dela nós acabamos por reforçar relações de poder entre o homem e a mulher. Na época em que estudei, havia no currículo uma disciplina chamada *Trabalhos Manuais*: o menino ia trabalhar com

madeira e a menina ia trabalhar com bordado, crochê, agulha, costura e outras coisas mais. É como se o homem não precisasse costurar! Por conta disso, eu me lembro, até hoje, da enorme dificuldade que tive quando, em uma viagem, comprei uma calça que queria usar. Acabei tendo que pedir no hotel um grampeador para grampear a barra. Nem a idéia de botar uma fita adesiva eu tive!

A escola ainda faz essas distinções, por mais que nós, já tenhamos ouvido dizer que meninos e meninas têm direitos iguais, que nós todos precisamos ter os mesmos direitos, homens e mulheres, cidadãos e cidadãs. Todos vocês poderão citar inúmeros exemplos em que uma professora se vira e diz "Isso é coisa pra menina", ou: "Isso é coisa de menino, não faça isso". Há ainda o velho exemplo, ainda tão presente na escola e na educação de maneira geral: "Menino não chora, é feio você chorar, vão achar que você é o quê?"

Esse tipo de coisa, que se considera já superada, eu lhes digo, pela experiência que tenho tido com escolas, pelo relato que tenho de meus estudantes/professores, ainda está presente na nossa escola, estabelecendo fronteiras entre os comportamentos próprios dos meninos e das meninas. Eu lhes diria ainda: favorecendo o menino.

Da mesma maneira, coloca-se a questão de raça. Já ouvimos muitas vezes que o Brasil é muito democrata em termos de raça, não há preconceito, todos são iguais... Essa questão se expressa, por exemplo, numa frase dita por uma professora em uma investigação: "Não, aqui nós não temos esse problema de preconceito não... De jeito nenhum! Eu entro na sala de aula e vejo meus alunos ali, todos branquinhos". Nós sabemos que esse tipo de conduta ainda aparece. A gente ri, acha estranho, pensa: "Como é que ainda pode? De que maneira a professora não percebe o que está dizendo, a contradição da sua própria fala?"

Ao trazer esse exemplo, eu não pretendo culpá-la, de forma alguma, porque a professora está imersa num determinado contexto e aquilo que ela fala não é desligado desse contexto. Há toda uma lógica, todo um racismo que foi se escondendo durante muito tempo e que cada vez mais hoje nós sabemos que está presente na sociedade, nas instituições sociais, na escola e em muitas das nossas boas intenções. Houve até mesmo o caso de uma aluna de graduação comentar comigo: "Pois é, aquele aluno que eu tinha, parecido com esse que você descreveu, eu tentei fazer um trabalho bom com ele, estimulá-lo, ir junto a ele, ver o caderno, ajudá-lo a melhorar e eu senti que ele melhorou. Aí ele passou a me adorar". Respondi que aquilo era uma coisa muito boa. Então, a aluna continuou: "É, mais aí ele chega perto de mim, me abraça, me beija, me agarra e eu fico morrendo de nojo".

Eu respondi que era muito bom que ela tivesse percebido isso, porque é claro que perceber é importante para que ela lide com essa situação. Mas eu não tenho nenhuma receita, não tenho como dizer: "Você terá que fazer isso e isso para superar...". Mas, ela reconhecer e ser capaz inclusive de expressar isso para seu professor me parece um ponto indispensável para que ela possa lidar melhor com sua dificuldade. Quer dizer, avançamos muito, mas temos ainda que avançar; essas discussões ainda se fazem necessárias, ainda são importantes para repensarmos a nossa escola.

Há uma série de estudos mostrando como é que a escola reproduz situações de opressão. São estudos referentes à classe social, gênero e raça. E nós poderíamos hoje acrescentar outros preconceitos, outras discriminações em relação à idade, em relação à sexualidade.

Currículo precisa ser visto também como um espaço de resistência, um espaço em que os alunos às vezes são capazes de resistir a autoritarismos, a escolhas arbitrárias da escola, a justificativas que nada

justificam. O aluno faz isso de uma forma que apenas é vista pela escola como rebeldia, como indisciplina, pela qual ele costuma ser punido. Sobre isso, muitos estudos mostram que o aluno, ao resistir, acaba não avançando, não conseguindo ascender em termos sociais. Embora se saiba o quanto ascender está difícil para todo e qualquer jovem, é preciso considerar que a escola deixa de canalizar para outros propósitos a energia jogada na rebeldia, na indisciplina. Assim, ao invés de ajudar, atrapalha.

Penso que, nesse novo século, pelo menos no Rio de Janeiro e em outros grandes centros urbanos, o problema principal já não é mais a resistência, mas sim a violência dentro da sala de aula, violência forte contra o professor, forte contra a escola. É algo que a escola não está sabendo lidar. É preciso discutir isso, pensar, buscar alternativas, pois não há respostas prontas em livro nenhum. Penso apenas que não será com mais violência que nós conseguiremos lidar com o problema.

Enfim, o que estou tentando trazer pra vocês é uma série de exemplos, no âmbito dos estudos de currículo, que me parece que ainda têm muito a dizer a todos nós e que podem enriquecer a discussão, em nossas escolas, sobre questões de currículo.

Há também uma série de estudos que procuraram identificar ideologias subjacentes ao livro-texto e a outros materiais didáticos, denunciando visões preconceituosas que aparecem nesses textos. Sabemos o quanto é importante que a professora analise e trabalhe bem o livro didático: um mau livro didático na mão de uma professora boa pode ser tornar bem melhor; um bom livro didático nas mãos de uma má professora, às vezes pouco ajuda.

Uma colega que está fazendo pesquisa sobre livro didático mostrou-me uma imagem em um livro de Ciências, na unidade em que se destacava a importância do método científico. No desenho do livro via-se

o professor fazendo uma experimentação. Era um professor rodeado de meninos branquinhos, quase loirinhos, trabalhando na experiência. O que a imagem quer dizer é bastante claro, não precisamos comentar.

Há também uma série de estudos que me entusiasmanam muito: são os estudos sobre a sala de aula, os estudos que tentam entender os mecanismos complexos que se dão na sala de aula quando estamos junto com nossos alunos. Não se trata de entrar na sala de aula e dizer como o professor trabalha mal, mas, inclusive, de se verificar como o professor sabe trabalhar bem, como, em certos momentos, ele transforma aquele cotidiano rotineiro em momentos de alguma coisa extremamente criativa e consegue, a despeito de circunstâncias extremamente adversas, fazer um trabalho que a gente precisa admirar e aplaudir.

Em um caso e outro, tanto no do professor que trabalha bem, quanto no do que não trabalha tão bem, há muita coisa que precisa ser entendida, que pode ser discutida, o que faz com que os estudos da sala de aula ainda sejam bem-vindos. É claro que alguns desses estudos têm problemas, são muito descritivos, pouco avançam. Estou valorizando os que avançam, os que nos permitem uma compreensão cada vez maior do que ocorre na sala de aula.

Destaco também os estudos que se fizeram sobre o currículo oculto (que é o currículo implícito) e os que hoje se fazem sobre o chamado currículo nulo e que não tratam do que está subjacente, mas sim do que fica fora do currículo, e que poderia ficar dentro. São estudos que tentam responder: a quem pertence esse conhecimento que não teve permissão de entrar na escola? Por que essa permissão foi negada? Quais as conseqüências disso? São estudos que tentam entender o porquê dessas omissões no currículo, por que alguns temas têm sido considerados difíceis pela escola e pelo professor e como é que se pode fazer diferente.

Resalto agora os estudos que buscam associar às críticas a discussão de alternativas e de novas possibilidades. Não se trata de dar receita (porque eu penso que nós não acreditamos em receita), mas sim de analisar uma série de possibilidades, de princípios que nos orientem, que nos estimulem e que nos levem a procurar fazer diferente. São estudos sempre importantes sobre os processos que precisamos enfrentar dia a dia e em relação aos quais, eu me atrevo a dizer, todos temos dificuldades e dúvidas: os processos de selecionar, organizar, hierarquizar, transmitir e distribuir os conhecimentos escolares.

Como organizamos os conhecimentos? Que valorizamos mais e de que forma o nosso horário da escola reflete uma hierarquia? De que forma, no Conselho de Classe, se verifica, nas falas dos docentes, uma hierarquia, uma valorização de certas disciplinas em detrimento de outras? Como entender algumas contradições que se observam, por exemplo, em colégios que colocam Educação Física em um horário tão complicado que é quase um convite para que ninguém apareça para a aula?

Eu me recordo de uma diretora que dizia sempre, quando eu fazia o horário, quando eu era coordenador: "Tenta colocar Português e Matemática no início porque os alunos chegam com a cabeça fresquinha, é a hora para eles estudarem isso. Bota no final do turno as matérias mais fáceis". Até hoje ainda há quem veja dessa forma a questão da distribuição do conhecimento escolar no horário.

Quanto a quem recebe que tipo de conhecimento, já vivemos, em algumas reformas, a idéia de que se devia ter uma escola para o nosso filho e uma escola para o filho dos outros. Há estudos que mostram que, na mesma sala de aula, nós, professores, podemos distribuir desigualmente o conhecimento para os alunos que estão no mesmo espaço. Como? Exigindo mais de uns, dando reforço a outros, trazendo um exercício suplementar para outros... Buscando, como se fala atualmente,

“tratar diferentemente” os diferentes; mas o “diferentemente”, nesse caso, acaba por significar garantir o privilégio de uns e preservar a situação de desvantagem de outros.

Uma outra discussão importantíssima, trazida pelos estudos sobre os quais eu lhes falei, é a questão da visão do professor sobre o seu trabalho, da visão do trabalho do professor como atividade intelectual extremamente valiosa. O professor é um intelectual, precisa ver-se como intelectual e precisa ser tratado como um intelectual.

Há também uma série de estudos que nos levam a tentar entender melhor as múltiplas e contraditórias relações de poder que se dão na sala de aula, na escola: que nos mostram que poder não é só uma coisa que está lá fora, centrada nas autoridades. Poder é algo que circula e que se expressa em determinado momento, como, por exemplo, numa reunião de professoras, uma professora jovem, que chegou há pouco na escola, de repente propõe questões que mudam todo o rumo das discussões. Isso também se dá com os alunos, todos nós sabemos que, em muitos momentos, os alunos, exercendo o poder, nos levam a mudar uma série de decisões, a mudar o rumo da nossa sala de aula, das nossas explicações, até mesmo dos nossos textos.

A relação entre currículo e poder, central nos estudos de que lhes falei, é também explorada em estudos que focalizam os distintos artefatos culturais que nos cercam. Como nesses estudos, precisamos criticar, nas aulas, os artefatos culturais que cercam o aluno e o afetam. Nós sabemos que a escola há muito tempo trabalha com jornal, com filmes, com televisão. Mas é fundamental, hoje, trazer tudo isso mais para dentro da escola e cada vez mais tentar mostrar para o aluno como se expressam, nesses artefatos (sejam anúncios ou desenhos animados, como o Rei Leão) as relações de poder entre, por exemplo, o macho e a fêmea.

Os estudos mais recentes de currículo também tratam de uma questão que precisa merecer nossa atenção – a questão das identidades, da política de identidades. Diariamente, no jornal, fala-se da questão de cotas para a universidade. Diariamente se noticia que determinados grupos oprimidos reagem contra a opressão, buscam reafirmar seus direitos, buscam ocupar seus espaços, conquistá-los cada vez mais... Como é que isto está ocorrendo na escola? Como é que a escola está lidando com isso, como está trabalhando? Como nós, professores, estamos nos inspirando nesses estudos para melhor atuar nas salas de aula em relação às identidades?

Chegamos então aos currículos multiculturalmente orientados – outra discussão premente, que muitos estudos têm abordado e que tem sido, inclusive, incluída em uma série de propostas curriculares pelo país afora. É a questão do pluralismo cultural, a questão do multiculturalismo, a que a escola está procurando responder.

Somente esses exemplos já nos mostram a importância dos estudos de currículo e eu ficaria profundamente feliz se, quando eu saísse daqui, vocês dissessem que, mesmo que eu não lhes tenha dito nada de novo, eu os estimei, ao destacar a importância das discussões, reflexões e leituras sobre currículo: tanto de textos contemporâneos quanto de textos que não são contemporâneos assim.

Gostaria, por fim, de pensar em possíveis trajetórias para nossa escola pública. Quero expressar minha paixão por ela. Já lhes disse que acredito que ela tem sentido e que vai continuar a ter sentido por muito tempo. Penso que todos avanços que vierem a ocorrer não vão, de modo algum, apagar a centralidade da escola na sociedade. Mesmo que existam muitos outros espaços educativos, a escola tem um papel insubstituível e precisa, mesmo, conhecer e criticar esses outros espaços, bem como interagir com eles.

A escola, a meu ver, embora deva se renovar, está aí, e vai ficar ainda por muito tempo. Repetindo e reiterando esse ponto, eu lhes diria que gostaria muito de ver a nossa escola cumprindo alguns papéis. Rapidamente falarei sobre eles. São três trajetórias, três desafios.

A escola como espaço de crítica cultural:

A escola precisa se afirmar como um espaço de crítica cultural. Eu me baseio, para essa afirmativa, em Beatriz Sarlo, uma autora argentina que tenta entender o panorama cultural de seu país e discorre sobre a função do intelectual no mundo contemporâneo, em um momento em que a Argentina e outros países passam por uma situação de crise, de muita desigualdade, de injustiças sociais, que nós conhecemos bastante. Ela afirma que o intelectual precisa continuar a ser crítico, mas precisa também considerar que, mais do que necessariamente oferecer saídas, o que ele pode melhor fazer é nos ajudar a atingir patamares cada vez mais elevados, que nos permitam ver e compreender melhor esse existente, que muitas vezes nos é dito ser inevitável. Muitas vezes nos é dito que nada podemos contra o existente, que ele é assim mesmo e assim precisa ser aceito por todos nós.

Mas, o que hoje existe foi por nós construído e, se foi por nós construído, pode ser por nós, pelo menos, desestabilizado, se não mudado. Daí a importância da crítica do existente, da busca de patamares cada vez mais elevados que nos permitam ver, compreender, questionar aquilo que nos parece ser natural, aquilo que nos foi dito que não pode ser de outro modo. Toda e qualquer disciplina, seja ela qual for, pode trabalhar no sentido de levar o aluno a adquirir as ferramentas necessárias a essa crítica do que parece escrito nas coisas, do que é visto como inerente às coisas.

Eu insisto na idéia de se mostrar ao aluno que as coisas não são inevitáveis. Leio para vocês um trecho bastante conhecido, do Brecht, de uma poesia lindíssima:

Nunca digam que isto é natural,

a fim de que nada passe por inevitável.

Sob o familiar descobrem o insólito,

no cotidiano desvelam o inexplicável.

Que tudo que seja dito ser habitual

cause inquietação.

Eu acho essa idéia muito bonita e acho que se a escola ajudar nesse processo ela está fazendo bastante, ela pode estar certa de que está cumprindo um papel extremamente importante: se não vai mudar o mundo, pode estar ajudando o aluno a entendê-lo melhor e por isso eu trago a vocês também uma frase de Zygmunt Bauman: "Para se operar no mundo é preciso entender como o mundo opera". Então, o que eu acho é que a escola pode se tornar esse espaço de crítica do existente, de mostrar ao aluno como esse mundo opera.

A escola como espaço multicultural:

Há autores que, trabalhando na linha do multiculturalismo, apresentam uma proposta simples e passível de ser operacionalizada nas escolas, sem que tenhamos que fazer grandes mudanças em termos de disciplinas ou de conteúdos. Trata-se de responder, por meio de uma orientação multicultural no currículo, à seguinte pergunta: "Podemos continuar a dividir a realidade humana, como temos feito até agora, em: culturas; histórias; tradições; comportamentos sexuais; sociedades e raças diferentes e, ainda assim, sobreviver de modo humano?"

Para procurar dar conta dessa pergunta, cabe estudar, em toda e qualquer disciplina do currículo, como foram sendo construídas, ao longo dos tempos, essas divisões e essas categorias que nos têm separado dos "outros".

Um das divisões seria a raça; obviamente, outra, gênero, outra poderia ser sexualidade, outra nação: "Quem é que faz parte dessa nação, quem não faz? Por quê?" Enfim, a ideia seria caminhar no sentido de transformar a escola em um espaço multicultural.

A escola como espaço de pesquisa:

Outro desafio que ressalto: tornar a escola um espaço de pesquisa, de construção e reconstrução do conhecimento.

Se cultura é um espaço de atribuição de significados, se a escola e o currículo trabalham com seleções da cultura, nós estaremos fazendo alguma coisa do que existe, selecionando, trabalhando, analisando, criando, recriando. Nós não estamos simplesmente transmitindo e repetindo, simplesmente absorvendo; é todo um processo de ressignificação, portanto, é um espaço de construção e reconstrução do conhecimento e da cultura.

Acho que vale a pena considerar de novo a atividade do professor como intelectual. Como intelectual, o professor precisa ir além da preocupação com a crítica social. Bourdieu nos fala da importância tanto do comprometimento com a pesquisa quanto do posicionamento político claro. Ele vai dizer que é necessário um comprometimento político claro nesse momento de globalização em que vivemos.

Essa nova universalização, essa globalização não pode encontrar tanta facilidade em seguir avante, é preciso que saibamos lutar contra ela, é preciso que nos comprometamos politicamente. Nesse sentido,

Bourdieu vai nos dizer que o professor e o intelectual precisariam transcender a fronteira entre o acadêmico e o político e sair do espaço seguro da escola e da universidade, entrar em contato direto com o mundo exterior.

Ele vai sugerir então que nós inventemos um "conhecimento engajado", uma política de intervenção no mundo político que obedeça, ao mesmo tempo, às regras e aos métodos da ciência. É esse conhecimento que vai favorecer a crítica às políticas e às decisões que os liberais nos apresentam como inevitáveis. Eu terminaria esta exposição citando um trecho de Bourdieu que muito me agrada:

As chances de parar essa máquina infernal repousam em todos aqueles que, detendo algum poder sobre as coisas da cultura, da arte e da literatura podem, cada um em seu lugar, à sua maneira e de sua parte, por mínima que seja, jogar o seu grão de areia na engrenagem bem lubrificada das cumplididades resignadas.

DEBATE: A DESQUALIFICAÇÃO DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO³

Claudio Borges da Silva⁴

Há um aspecto que tem me chamado a atenção e me preocupado no cotidiano de trabalho da escola, e que se refere a uma crítica que fizemos, ao longo da última década, em relação à forma como as políticas

3. Texto igualmente transcrito, com revisão final do autor.
4. Professor de história da EMEF profa. Dulce Bento Nascimento, no bairro do Guará. É doutorando na FE/Unicamp e participa do grupo de pesquisa AULA -- Trabalho docente na formação inicial, nessa mesma instituição. Também leciona história na Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep).